



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2020
<b>Local</b>	Virtual
<b>Título</b>	Monitorar o risco e fazer relações: notas sobre a vigilância vetorial em uma política pública de saúde em Porto Alegre
<b>Autor</b>	NATHÁLIA DOS SANTOS SILVA
<b>Orientador</b>	JEAN SEGATA

**Título do trabalho:** Monitorar o risco e fazer relações: notas sobre a vigilância vetorial em uma política pública de saúde

**Autor:** Nathália dos Santos Silva

**Orientador:** Jean Segata

**Instituição:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho se situa no campo da Antropologia, em especial diálogo com os estudos sobre ciência e tecnologia e sobre as relações humano-animais. Reflete minha participação em projetos de pesquisa coordenados pelo Prof. Jean Segata (PPGAS-UFRGS) sobre políticas públicas para vigilância e controle de doenças relacionadas ao mosquito *Aedes aegypti* em diferentes cidades e países. Especificamente, estudei as práticas de monitoramento do risco vetorial de transmissão dessas doenças em Porto Alegre.

Entre 2018 e 2019 realizei trabalho de campo junto à antiga Equipe de Vigilância de Roedores e Vetores (EVRV), vinculada à antiga Coordenadoria Geral de Vigilância em Saúde (CGVS) da Prefeitura de Porto Alegre. Aqui, a principal ferramenta da prefeitura é o “Monitoramento Inteligente do *Aedes aegypti*” (*MI-Aedes*), uma tecnologia digital adotada desde 2012 para coleta de informações (dos corpos) de mosquitos capturados e processamento de análises genéticas e geográficas do vetor e da circulação viral. Para entender como o risco é monitorado, a estratégia metodológica articulou observação participante, entrevistas e análise de documentos, inspirada nas etnografias de laboratório.

Do ponto de vista teórico, busco dialogar com um conjunto de pesquisas na área que vêm enfatizando entrelaçamentos mais que humanos em suas abordagens de políticas públicas (PAXSON, 2008; NADING, 2014; CADUFF 2014; SEGATA, 2016, 2017, 2018, 2019; KECK, 2018; PORTER, 2018; VARGAS, 2018; REIS-CASTRO, 2013; 2012). Nessas etnografias, políticas públicas de controle e vigilância aparecem como *locus* privilegiado para observar como o governo da vida humana e não-humana é facilitado por tecnologias digitais. Nesse contexto, este trabalho se coloca o desafio de descrever processos de produção de conhecimento que se fazem no encontro com mundos que extrapolam e contestam representações científicas e de Estado. Como a própria antropologia se transforma ao tentar descrever mundos mais que humanos?